

As representações da violência no romance *Cacau*

Cadernos de
Pós-Graduação
em Letras

Silvana Valdomiro Linhares

*Aluna do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Presbiteriana Mackenzie*

RESUMO

Esta é uma análise sobre as representações da violência no romance *Cacau* de Jorge Amado. Descobriremos como o produto de consumo, o cacau, transforma-se em signo ideológico para os lavradores, por simbolizar os mais variados tipos de violência contra a sua vida: a miséria, a alimentação frugal, o trabalho infantil, a prostituição de suas mulheres e filhas e as doenças decorrentes do trabalho insalubre. O segundo romance do jovem Jorge Amado impregna-se de inquestionável valor social e ideológico porque expressa criticamente as relações sociais de uma época.

Palavras-chave: Marxismo. Literatura brasileira contemporânea. Signo ideológico.

1 INTRODUÇÃO

O meio mais profícuo de discutir a violência presente em *Cacau* é, essencialmente, discuti-la do ponto de vista dos antagonismos de classe, sob a ótica do marxismo. É da exploração de uma parte de uma sociedade pela outra, que eclodem os vários tipos de violência contra o homem e a sua dignidade. A contradição que se estabelece entre homens reais em condições históricas e sociais reais, Marx (2001, p. 41) chamou de *luta de classes*. Assim sendo, a luta de classes, cujos interesses devem se firmar no desenvolvimento social, não elimina o papel da violência na história e nem garante uma vitória automática de seus interesses. O sujeito da história, o seu agente são as classes sociais em luta (proletário e capitalista). Para o teórico marxista Georg Lukács (2003, p.145), “as próprias condições para que os interesses possam se afirmar são muito freqüentemente criadas por intermédio da violência mais bruta – a acu-



MACKENZIE

111

mulação primitiva do capital”. Será esse tipo de violência, gerado pelo sistema capitalista, o nosso objeto de estudo.

Jorge Amado apresenta-nos, em sua narrativa, a luta de classes entre lavradores de cacau e os coronéis do sul da Bahia, da década de 30. Entretanto, ao analisarmos as representações da violência presentes no romance *Cacau*, constataremos que as lutas de classe surgem de maneira atenuada, devido ao traço hereditário do patriarcalismo presente na obra. Portanto, ao contrário das ferrenhas lutas de classes ocorridas em séculos passados, em países extremamente industrializados, no Brasil, da época dos grandes latifundiários, a figura do coronel, fenômeno social e político, neutraliza qualquer hipótese de Revolução no campo, não porque esse “chefe político” não deixe de gerar meios de perpetuação das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração para manter sua dominação, mas porque, nas palavras de Edgar Carone (apud SILVA, 1987, p. 173):

Socialmente, o coronel exerce uma série de funções que o fazem temido e obedecido aos agregados, ele dispensa favores: dá-lhes terras, tira-os da cadeia e ajuda-os quando doentes; em compensação exige fidelidade, serviços, permanência infinita em suas terras, participação nos grupos armados, etc. Aos familiares e amigos ele distribui empregos públicos, empresta dinheiro, obtém crédito, protege-os das autoridades policiais e jurídicas, ajuda-os a fugir dos compromissos fiscais do Estado, etc. É o “juiz” pois, obrigatoriamente, é ouvido a respeito das questões de terras e até de casos de fugas de moças solteiras. [...] é homem de fé, pois é quem anima as festas religiosas e as oficializa.

Agindo dessa maneira a figura do coronel uniformizava interesses contraditórios, escamoteava, mascarava as diferenças e impedia que a outra parte da sociedade reconhecesse o profundo antagonismo existente elas. Do ponto de vista marxista, a ideologia é indispensável à dominação da classe, ela é ilusão, abstração e inversão da realidade e, por isso, permanece sempre no plano imediato da aparência social. Assim, o grande capitalista, na imagem do coronel, tenta uniformizar interesses contraditórios, escamoteando e mascarando as diferenças, impedindo que a outra parte da sociedade reconheça o profundo antagonismo existente elas.

Apresentaremos, então, alguns aspectos da violência, em *Cacau*, como a redução de salários, as agressões de ordem física, a prostituição, a exploração dos filhos pelos pais proletários e a representação dos signos ideológicos.

2 A REDUÇÃO DOS SALÁRIOS

Quando o salário dos lavradores diminui para 3\$000, em decorrência da desvalorização do cacau, a personagem Sergipano “diz” que chefia uma revolta, mas a greve não se concretiza:

O cacau começou a cair. Desvalorizou-se e o coronel andava uma fera. Despediu trabalhadores e nós, que restávamos, trabalhávamos como burros. Nos ameaçava com diminuição de salário.

[...] Um dia, por fim, diminuíram os salários para 3\$000. Eu chefie a revolta. Não voltaríamos às roças (AMADO, 1998, p.125).



A diminuição dos salários para 3\$000 aproxima as personagens da idéia de uma greve. Entretanto, a possibilidade de o coronel Misael utilizar-se dos flagelados, que fazem parte da “reserva de mão de obra”, assusta esses lavradores de cacau, que têm suas vidas condicionadas pelo regime patriarcal e que temem perder seus empregos. Por isso, a hipótese de uma greve nem é considerada seriamente :

– Nem pense... Chegou trezentos e tantos flagelados que trabalha por qualquer dinheiro... e a gente morre de fome (AMADO, 1998, p.125).

Tratando literariamente em seu romance a questão sobre desvalorização do cacau, Jorge Amado remete-nos a um fato histórico realmente ocorrido. No livro *Sul da Bahia: chão de cacau*, encontramos o apontamento das principais causas que marcaram a crise do ciclo cacauzeiro a partir da década de 30:

a) a Revolução de 1930 que provoca a superação do coronel e a transferência das lideranças política e administrativa para os profissionais liberais; b) a crise econômica mundial de 1930 que fez ruir o café e arrastou o cacau; c) o cansaço e o esgotamento do solo, após mais de um século, de 1820 a 1930, começaram a se fazer sentir em determinadas áreas; d) a falta de assistência técnica geral e particularmente na linha de preservação da terra, adubação e fertilização; e) a ausência de assistência financeira, sobretudo crédito bancário, que permitisse aperfeiçoamento nos métodos de trabalho e na renovação da lavoura; f) o sistema bancário deficiente e ultrapassado pela expansão mesma da lavoura cacauzeira; g) a inflação e a flutuação de preços (ADONIAS FILHO, 1978, p. 89-90).

Já Sodré (1974, p. 63) enfatiza que, na história de nossa cultura, nos idos de 1930 – período aproximado em que se desenvolve a narrativa de *Cacau* – não havia uma organização, como a existente na França do final do século XIX, do proletariado no campo que garantisse, aos lavradores, algum tipo de vantagem pelo recurso à greve. Mesmo que a Revolução de 30 tivesse acelerado o amadurecimento das relações capitalistas no Brasil, a ascensão da burguesia à classe dominante e o crescimento do proletariado nas áreas urbanas e nas áreas rurais, essas relações ocorreram de forma díspar. O autor examina essa questão sob o ângulo das desigualdades regionais:

A desigualdade de desenvolvimento entre regiões do país reflete, em parte, tal disparidade; o desenvolvimento de umas se opera em prejuízo de outras, que transferem às mais desenvolvidas a força de trabalho que as suas velhas estruturas marginalizam, enquanto se colocam como dependentes e consumidoras, semelhando colônias (SODRÉ, 1974, p. 63-64).

Desta forma, torna-se mesmo difícil a tarefa de imaginarmos uma greve camponesa em *Cacau*. Entretanto, a possibilidade de o coronel Misael fazer uso da reserva de mão de obra em sua fazenda, a *Fazenda Fraternidade*, não foi o único meio de violência coletiva evidenciado no romance.

3 AS AGRESSÕES FÍSICAS DE ORDEM COLETIVA

Um outro tipo violência coletiva é destacado quando a personagem Sergipano volta ao passado para narrar o tempo em que, após a morte de seu pai, o tio usurário



se faz dono completo da fábrica, deixando cunhada e sobrinhos (Elza e Sergipano), além dos operários da fábrica na miséria.

As dívidas obrigatórias feitas no armazém da fazenda é também um meio de agressão coletiva, uma espécie de escravidão e dependência, uma vez que o lavrador, abastecendo-se de tudo o que precisa para viver, assume dívidas, das quais dificilmente se libertará:

- São ordens. João Vermelho!
- O que é?
- Já fez as contas do Zé Luís?
- Já.
- Tem saldo?
- Dezoito mil-réis.
- Zé Luís resignava-se:
- Tá certo. Passe o quento que eu vou procurar trabalho noutra parte.
- Não senhor – Algemiro – protestou–, você vai pagar o prejuízo do coronel. Dois mil-réis por arroba. São trinta arrobas. Quanto é, João Vermelho?
- Sessenta mil-réis.
- Você vai trabalhar na roça até pagar.

À noite, sem saldo, Zé Luís fugiu. Algemiro e João Vermelho foram no rasto[...] correu pela fazenda que o haviam surrado. Também correu que foi Zé Luís quem atirou em Algemiro numa noite sem lua, no caminho de Pirangi (AMADO, 1998, p. 64).

Outro caso interessante de violência coletiva em *Cacau* é atribuído ao lavrador Honório, matador protegido do coronel Misael. Sua função é a de eliminar qualquer pessoa que se transforme em obstáculo para o coronel, desde fazendeiros rivais, ladrões até o mais miserável lavrador que não acertasse as contas com a despensa e tentasse fugir sem arcar com o prejuízo:

Aos doze anos Honório já matava gente com a mais certa pontaria de dez léguas em redor. Criou-se assim. Quantos matara, não sabia. Viera depois o saneamento das roças de cacau. As mortes diminuíram, mas que esperança!, não acabaram. E ainda hoje as estradas vivem pejudadas de cruces sem nomes. É a tocaia (AMADO, 1998, p. 36).

Contra a exploração do coronel não havia uma organização dos oprimidos e, na maioria das vezes, a única opção concreta de protesto parecia ser mesmo a fuga.

4 A PROSTITUIÇÃO

A prostituição era para os operários franceses do século XIX, um meio de sobrevivência, uma renda complementar de que necessitavam para ajudarem no sustento da família. “Chamavam a prostituição de suas esposas e filhas de enésima hora de trabalho” (MARX, 1988, p. 19). Ao contrário das mulheres francesas que se prostituíam, muitas vezes, com a convivência dos pais e esposos – e que até se tornaram personagens de romance como *Germinal*, de Zola – as moças que Jorge Amado apresenta em *Cacau*, são aquelas defloradas pelos coronéis, pelos filhos de coronéis ou por homens ricos, e que depois, são expulsas de suas casas e desgraçadas vão se



abrigar na rua da Lama. Lá, passavam a servir toda a empreitada de homens que trabalhava nas roças e também aos homens ricos:

Pobres mulheres, que choravam, rezavam e se embriagavam na rua da Lama. Pobres operárias do sexo. Quando chegará o dia da vossa libertação? [...]

Quantos mananciais de carinho perdidos, quantas boas mães e boas trabalhadoras. Pobre de vós a quem as senhoras casadas não dão direito nem ao reino do céu. Mas os ricos não se envergonham da prostituição. Contentam-se em desprezar as infelizes. Esquecem-se de que foram eles que as lançaram ali (AMADO, 1998, p. 57)

Pela linguagem emotiva do narrador, pelo uso da expressão *pobres operárias do sexo*, percebemos a face comunista de um Jorge Amado que idealizava uma sociedade onde os homens (burgueses) não vissem “a mulher como um instrumento de produção a ser explorado em comum” (MARX; ENGELS, 2001, p. 18-19).

5 A EXPLORAÇÃO DOS FILHOS PELOS PAIS PROLETÁRIOS

A exploração infantil era praticada pelos próprios pais proletários, uma vez que do trabalho das crianças (meninos e meninas) também advinha o sustento da família. Do ponto de vista marxista, os laços familiares entre os proletários são brutalmente cortados pelo capital e seus filhos transformados em simples artigos de comércio e instrumentos de trabalho:

[...] A maioria deles desde os cinco anos trabalhavam na juntagem. Conservavam-se enfezados e pequenos até os dez e doze anos. De repente apareciam homens troncados e bronzeados. Deixavam de comer terra mas continuavam a comer jaca (AMADO, 1998, p. 70).

Os meninos que desde os cinco anos trabalhavam nas lavouras de cacau, gradativamente desenvolviam seus músculos ao mesmo tempo em que se tornavam bronzeados na lida árdua das lavouras. O trabalho pesado transformava essas crianças em adultos precocemente. Deformavam-se em decorrência da força física descomunal que empregavam no trabalho diário. Esses pequenos trabalhadores deformavam-se, adoentavam-se e muitas vezes morriam muito precocemente também, pois para o sistema capitalista não importam sexo ou idade, já que a classe trabalhadora é entendida por ele como mero instrumento de produção, paga de acordo com seu sexo e idade.

Outra questão interessante a ser destacada é a função da filha proletária no trabalho e o seu tempo de permanência na família:

O nascimento de uma filha, recebiam-no com alegria. Mais duas mãos para o trabalho. Um filho, ao contrário, consideravam-no um desastre. O filho comia, crescia e ia embora para os cafezais de S. Paulo ou para os cacauais de Ilhéus, numa ingratidão incompreensível (AMADO, 1998, p. 12).



Do ponto de vista ideológico, há, no romance, uma imposição de que a filha permaneça um tempo maior junto de sua família, trabalhando fora e ajudando-a no sustento financeiro.

6 OS SIGNOS IDEOLÓGICOS

Quando analisamos os discursos das personagens pertencentes às classes dominantes do romance, vemos que, a exemplo do que acontece nas relações sociais reais, existentes entre a classe dominante e a classe oprimida, essas personagens utilizam a língua para reforçar seu poder. Bakhtin (2002, p. 14-15) afirma que

a palavra é o signo ideológico por excelência e a língua nada mais é que a expressão das relações e lutas sociais. Sendo assim, somente a dialética pode resolver a contradição aparente entre a unicidade e a pluralidade da significação.

Entretanto, a classe dominante tende a transformar o signo ideológico, que é plurivalente, em elemento monovalente. Isso porque, segundo Althusser (1979, p. 62), a classe dominante precisa gerar meios de perpetuação das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração para manter sua dominação. Utiliza-se, para isso, dos “aparelhos repressores”, que podem ser: o exército, a administração, a polícia, os tribunais, etc. (compreendendo o Governo); e dos “aparelhos ideológicos” como: a religião, a família, a escola, a cultura, o sindicato etc. (compreendendo as Instituições).

Os discursos das personagens Dona Arlinda e Mária as caracterizam como aparelhos de repressão ideológica:

Dona Arlinda interrogava as mulheres:

- Como vai seu marido?
- Doente, patroa. Depois que uma cobra mordeu ele, nunca mais teve saúde. Eu até desconfio que isso é feitiço. Mas ele não tem saldo pra ir à Bahia ver o Santo Jubiabá...
- Feitiço o quê... Isso é preguiça... Se vocês trabalhassem, acabavam enriquecendo.
- A gente não faz questão de enriquecer, não, inhá. A gente quer apenas saúde e feijão pra comê. E se trabalha muito sim (AMADO, 1998, p. 80).

Dona Arlinda expõe um preconceito: que os lavradores são socialmente desiguais porque optam em ser preguiçosos em vez de trabalharem honestamente para enriquecerem, assim como os seus patrões.

Em relação ao discurso de Mária:

Mária, me leu o artigo para o anuário. Descrevia, muito mal, diga-se de passagem, a fazenda, as festas e a vida dos trabalhadores. Terminava mais ou menos assim: [...] e são felizes no seu trabalho honesto. Divertem-se, tocam viola, amam, estimam os patrões, que são seus pais e mestres. Adoram os patrões, que em paga tratam bem aos seus trabalhadores, tratamento de pai para filho. Talvez por isso nada valem as pregações dos doutrinadores de idéias exóticas, que aparecem pelas fazendas [...] (AMADO, 1998, p. 97).



O comentário irônico do narrador Sergipano: “descrevia, muito mal, diga-se de passagem, a fazenda, as festas e a vida dos trabalhadores”, ajuda-nos a perceber que Mária expressa uma verdade contrária à da realidade social da fazenda: poucas são as alegrias dos lavradores, pois suas habitações são péssimas, as condições de trabalho são as mais aviltantes, a alimentação é quase sempre a mesma: jaca, banana, farinha e carne seca, do cacau só conhecem o nome chocolate e as relações comerciais no fornecimento de artigos de primeira necessidade são monopolizadas pelo despenseiro, de maneira que quem compra jamais consegue se livrar da dívida.

Os lavradores sofrem então dois tipos de servidão: a física e a comercial, e, de modo algum, nessas situações, pode haver um tratamento de pai para filho entre o coronel e o lavrador, a não ser nas encenações hipócritas dos patrões. Mãe e filha ocultam, em seus discursos, a verdadeira realidade dos lavradores, eles não são donos de seu próprio trabalho e sim instrumentos de trabalho e, por isso, provavelmente não mudarão de situação, simplesmente porque isso não depende deles e sim dos seus patrões, possuidores dos meios e das condições de trabalho.

Ainda acerca dos signos podemos dizer que são também objetos naturais e todo objeto, todo produto natural, tecnológico ou de consumo, a partir do momento em que se transforma em signo adquire um sentido que ultrapassa suas próprias particularidades. O objeto natural ou físico, convertido em signo passa a refletir e a refratar, de certa forma, uma outra realidade sem, contudo, deixar de fazer parte da realidade material (BAKHTIN, 2002, p. 32).

No romance o fruto cacau, produto de consumo, é transformado em signo ideológico quando simboliza para os lavradores concomitantemente sustento, trabalho e também motivo de exploração e de violência para com os de sua classe:

NO SUL DA BAHIA CACAU É O ÚNICO NOME QUE SOA BEM.[...] Todo o princípio de ano os coronéis olham o horizonte e fazem as previsões sobre o tempo e sobre a safra. E vem então as empreitadas com os trabalhadores (AMADO, 1998, p. 58).

Foi numa dessas carreiras que um garoto bateu num cacauero e derrubou um fruto verde. O coronel, que olhava da varanda, voou em cima do menino, que ante o tamanho de seu crime parara boquiaberto. Mané Frajelo suspendeu o criminoso pela orelha. [...] Uma tábua de caixote, abandonada perto, serviu de chicote. O garoto berrava. Depois dois pontapés. [...]

Colodino fechava os olhos e cerrava os punhos. Mas ficávamos todos parados, sem um gesto. Era o coronel quem batia e demais o castigado derrubara um coco de cacau. De cacau...Maldito cacau (AMADO, 1998, p. 81).

A consciência, portanto, se forma e se expressa concretamente, materialmente, através do universo dos signos. Podemos “ler” a consciência dos homens através do conjunto de signos que a expressa. Isso porque as palavras, no contexto, perdem sua neutralidade e passam a indicar aquilo que chamamos propriamente de ideologias. Assim, o produto de consumo cacau passa a valer mais que o ser humano e o garoto, levado à condição de “criminoso”, converte-se em coisa sem valor.

Antes de finalizarmos essa breve análise sobre as representações da violência no romance *Cacau*, destacamos dele o fragmento adiante para discutirmos, ainda que muito sinteticamente, o senso do real e a expressão pessoal de Jorge Amado (1998, p. 123):



Este livro está sem seguimento. Mas é que ele não tem propriamente enredo e as lembranças da vida da roça eu as vou pondo no papel à proporção que me vêm à memória. Li uns romances antes de começar *Cacau* e bem vejo que este não se parece nada com eles. Vai assim mesmo. Quis contar apenas a vida da roça. Por vezes tive ímpeto de fazer panfleto e poema. Talvez nem romance tenha saído.

Percebemos que o jovem escritor baiano encontrou, através do discurso metalingüístico, uma maneira de desincorporar-se do narrador Sergipano e assumir-se como autor, para poder justificar ao leitor o anseio que teve de amalgamar em *Cacau* o caráter revolucionário e político dos grandes romances proletários que havia lido. Para Antonio Cândido (1992, p.49)

a obra de Jorge Amado desdobra-se segundo uma dialética da poesia e do documento, este tentando levar o autor para o romance social, o romance proletário que ele quis fazer entre nós, a primeira arrastando-o para um tratamento intemporal dos homens e das coisas.

Cacau não alcança a envergadura de um romance proletário, nem o caráter revolucionário de um romance como o *Germinal* de Emile Zola, em que as lutas de classe se dão na prática, de maneira efetiva e violenta, recriando ficcionalmente os embates políticos e sociais entre burgueses e proletários, da França dos anos de 1866 e 1867. Contudo, já este segundo romance do jovem Jorge Amado expressa – ainda que de maneira embrionária, e, por isso talvez ingênua, mas não menos esperançosa – a sua vontade socialista, motivadora da recriação literária de um momento histórico, e responsável, enfim, por vivificá-lo em nossas memórias.

The representation of the violence in the novel cacau

ABSTRACT

This is an analysis about the representations of the violence from Jorge Amado novel *Cacau*. Will discover as the product of consumption, the cacao, had been transformed into doctrinaire sign, because it symbolizes the more varied kinds of violence against the plowmen's life: the misery, the frugal alimentation, the infant work, the prostitution of wives and daughters, and the disease, result of the insanitary work. For certain, the second novel of teenager Jorge Amado keeps a implicit social and doctrinaire value, because criticizes the social relations of a period.

Keywords: Marxism. Contemporary Brazilian literature. Doctrinaire sign.



REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Cacau*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BAKTHIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 1992.

FILHO, Adonias. *Sul da Bahia: chão de cacau*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. *O capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARX, K.; ENGELS, F. *O manifesto comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

ROCHE, Jean. *Jorge bem/mal Amado*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, Francisco de Assis; BASTOS, Pedro Ivo de Assis. *História do Brasil*. São Paulo: Ed. Moderna, 1976.

SODRÉ, Néelson Werneck. *História da Literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

_____. *Síntese da história da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

